



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

ELIEZER DE SOUSA BARBOSA

**NEOLOGISMO NOTICIADO: UMA ANÁLISE SOBRE A FORMAÇÃO DE
NOVAS PALAVRAS EM UM JORNAL PARAIBANO**

**CAMPINA GRANDE
2020**

ELIEZER DE SOUSA BARBOSA¹

**NEOLOGISMO NOTICIADO: UMA ANÁLISE SOBRE A FORMAÇÃO DE
NOVAS PALAVRAS EM UM JORNAL PARAIBANO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras e
Artes da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduado em Letras
Português.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marta Anaísa Bezerra Ramos

**CAMPINA GRANDE
2020**

¹ Graduando em letras pela Universidade Estadual da Paraíba. es_barbosa@hotmail.com

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B238n Barbosa, Eliezer de Sousa.
 Neologismo noticiado [manuscrito] : uma análise sobre a formação de novas palavras em um jornal paraibano / Eliezer de Sousa Barbosa. - 2020.
 51 p. : il. colorido.
 Digitado.
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2020.
 "Orientação : Profa. Dra. Marta Anaísa Bezerra Ramos , Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."
 1. Lexicologia. 2. Processos de formação. 3. Neologismo.
 4. Jornalismo. I. Título

21. ed. CDD 401.4

ELIEZER DE SOUSA BARBOSA

NEOLOGISMO NOTICIADO: UMA ANÁLISE SOBRE A FORMAÇÃO DE NOVAS
PALAVRAS EM UM JORNAL PARAIBANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Letras e Artes da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduado em Letras Português.

Aprovado em: 10 / 03 / 2020.

BANCA EXAMINADORA

Marta Anáiss B. Ramos

Prof. Dr.ª Marta Anáiss Bezerra Ramos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Clara Regina Rodrigues de Souza

Prof. Me. Clara Regina Rodrigues de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB -UFPB/PROLING)

Ranieri Marques de Melo

Prof. Me. Ranieri Marques de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a toda minha família, por suportarem todos os momentos de ausência e ao meu pai (In Memoriam), por seu incansável incentivo à leitura.

AGRADECIMENTOS

Com certeza, estes pequenos parágrafos nunca poderiam alcançar todas as pessoas que fizeram e fazem parte desta minha importante fase. Portanto, desde já peço desculpas àquelas que não estão presentes neles, mas, podem estar certas de que fazem parte dos meus pensamentos e gratidão.

Agradeço a Deus, por me proporcionar tamanha oportunidade.

Agradeço a minha orientadora Prof^a. Dr.^a Marta Anaísa Bezerra Ramos, pela paciência e sabedoria com que me guiou nesta trajetória.

Aos meus colegas de sala, principalmente Dayanne Araújo, Eridinaide Negromonte, Janaina Silva e Thiago Domingos que, com certeza, são mais que irmãos para mim.

À Coordenação do Curso, pela constante cooperação.

À mesa avaliadora, nas pessoas da Prof^a. Me. Clara Regina Rodrigues de Souza e Prof. Me. Ranieri Marques de Melo, pela atenção e registros positivos.

Gostaria de deixar registrado, também, o meu reconhecimento e agradecimento à minha família, Vânia (esposa), Daniel e Débora (filhos), pois acredito que sem o apoio incondicional deles seria impossível chegar a este momento.

Enfim, agradeço a todos os que, direta ou indiretamente, por algum motivo ou em algum momento, contribuíram para a realização desta pesquisa.

Muito obrigado.

“In Pricipio erat Verbum”
(Nova Vulgata Latina)

Resumo

O Presente trabalho expõe os resultados de uma investigação sobre as formações neológicas em textos jornalísticos. Na busca da compreensão do diálogo entre o contexto e as formações de novas palavras fizemos uma análise de base quantitativa, já que a identificação do processo de formação mais produtivo requer a observação da frequência de uso, e também de base qualitativa, pois buscamos confirmar como o contexto favorece o surgimento das novas palavras, ou seja, a motivação da criação das novas palavras. O estudo bibliográfico se respalda em autores renomados da área da lexicologia, como Alves (2007), Carvalho (1999), Sandmann (1992) e em pesquisadores que se dedicaram ao estudo dos neologismos em textos da esfera jornalística, a exemplo de Silva (1999), além de gramáticos. O *corpus* é composto por quinze edições de um jornal local – Correio da Paraíba. Logo, o intuito primordial é entendermos como surgem os neologismos, que processo de formação é mais produtivo e por que eles surgem. Constatamos que a derivação sufixal é mais recorrente, justamente por sua função social através da sua aplicabilidade morfossintática.

Palavras-Chave: Lexicologia. Processos de formação. Neologismos. Jornalismo.

ABSTRACT: The present works exposes the results of an investigation about neological formations in journalistic texts. In the search for understanding the dialogue between the context and the formation of new words, we made a quantitative analysis, since the identification of the most productive training process requires the observation of the frequency of use, and also of a qualitative basis, as we seek to confirm how the context favors the appearance of new words, that is, the motivation to create new words.

The bibliographic study is supported by renowned authors in the field of lexicology, such as Alves (2007), Carvalho (1999), Sandmann (1992) and researchers who dedicated themselves to the study of neologisms in texts in the journalistic sphere, such as Silva (1999), in addition to grammarians. The corpus consists of fifteen editions of a local newspaper, - Correio da Paraíba. Therefore, the primary purpose is to understand how neologisms arise, which training process is most productive and why they arise. We found that the suffix derivation is more recurrent, precisely because of their social function through their morphosyntactic applicability.

Keywords: Lexicology. Formation processes. Neologisms. Journalism.

Lista de quadro e tabelas

Tabela 1 – Quantidade de neologismos encontrados em cada edição	p 13
Tabela 2 – Distribuição dos neologismos conforme os processos gerais	p 14
Tabela 3 – Processos externos à língua	p 19
Tabela 4 – Quantificação dos dados conforme os processos derivacionais	p 32
Tabela 5 – Tipos de prefixos presentes no corpus	p 34
Tabela 6 – Tipos de sufixos presentes no corpus	p 39
Quadro 1 – Processo interno de composição por justaposição	p 30
Quadro 2 – Processo interno de composição por aglutinação	p 30

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	CONHECENDO MELHOR O <i>CORPUS</i> SOB INVESTIGAÇÃO	13
2.1	<i>Corpus</i> de extração: por que um jornal como suporte de pesquisa?	14
2.2	<i>Corpus</i> de exclusão: o Dicionário	17
2.3	Processos Formacionais: definição e análise	19
2.3.1	<i>Construções de palavras externas à língua</i>	19
2.3.1.1	<i>Formação por Ex nihilo</i>	19
2.3.1.2	<i>Formação por Onomatopeia</i>	20
2.3.1.3	<i>Formação por Empréstimo</i>	22
2.3.2	<i>Construções das palavras internas à língua</i>	25
2.3.2.1	<i>Composição</i>	25
2.3.2.2	<i>Derivação</i>	31
2.3.2.2.1	Derivação Prefixal	32
2.3.2.2.2	Derivação sufixal	38
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

Um fato inquestionável é o surgimento, todos os dias, de palavras novas nas línguas, inclusive, na portuguesa. Esse fato é observável pela dinâmica e vivacidade da língua e a constante relação social dos falantes. Difícil missão seria enumerá-las ou dicionarizá-las, pois podem surgir em diversas formas, horários, discursos, locais e suportes.

Uma definição abrangente de Neologismo², e aceita pela maioria dos gramáticos e linguísticos brasileiros que neste trabalho foram apresentados, é a de a criação de uma nova palavra e ou um novo sentido para alguma já existente. Normalmente, ocorre a partir de processos formacionais já conhecidos pelos falantes ou se forma por meio de outra palavra já corrente do léxico na mesma língua e até por palavras estrangeiras, os chamados empréstimos, popularmente conhecidos por estrangeirismos.

De um modo geral, uma nova palavra é criada para atender a uma necessidade momentânea de expressão, pois pode ocorrer um esquecimento de algum termo para aquele contexto ou precisa-se de um novo para completar o raciocínio autoral, de acordo com a subjetividade do autor – mas sempre com uma função discursiva social. Assim, se faz necessário um estudo cauteloso por parte dos pesquisadores, pois as palavras novas não devem ser vistas desgarradas do contexto de seu surgimento, da veracidade autoral e da sua força social, com isso, é fundamental pesquisas como esta, não apenas para o aumento de um léxico linguístico, mas para o fortalecimento da língua e identidade de um povo.

Enfatizamos uma observação de suma importância feita por Carvalho (1999), com relação aos termos “*surgimento*” ou “*criação*”, a de que algum leitor desavisado pode ter a falsa impressão de algo criado por acaso ou do nada, mas não é assim. Ou seja, não se cria apenas por criar. A autora destaca que as novas palavras geralmente são formadas por criação lexical, semântica ou neologismo por adoção (empréstimos). Quanto a esse último tipo, convém destacar que nem todos os autores o abordam; é o caso de Rocha (1999), que, diferentemente de Carvalho, focalizou os neologismos que surgiram dentro do sistema da língua portuguesa, ficando os empréstimos fora do seu foco e no seu lugar entrou a onomatopeia.

Como dito anteriormente, no processo de criação, a língua se apropria de processos já conhecidos, e que são determinantes para a continuidade funcional dela, afinal, a língua é viva. Dentre os variados processos de formação, nosso objeto de estudo são as formações neológicas

² Alves (2007, p. 05) esclarece que “Ao processo de formação lexical dá-se o nome de neologia. O elemento resultante é denominado neologismo”.

encontradas em um periódico local, o Jornal Correio da Paraíba, a escolha deste veículo à pesquisa, não foi alheia ao objetivo dela, na atualidade, este é o jornal que mais tem leitores no estado.

Algumas perguntas motivaram esta investigação, a saber: a) Por que se criam palavras novas e como reconhecê-las? e b) Por que jornais e revistas são fontes de neologismos?

Estas indagações são cruciais para os mais diversos trabalhos neológicos e para seus pesquisadores, pois as línguas precisam de dinâmicas fortalecedoras para a sua continuidade. Junto a este dinamismo surge uma busca de autonomia (linguística) de uma língua em relação a outra e também por este motivo é importante refletir sobre o porquê e quais as principais fontes utilizadas neste surgimento. Os estudiosos, buscando respostas, adentram nas comunidades falantes e suas variadas formas de expressão, evitando qualquer preconceito, e nos diversos suportes possíveis para se debruçarem num vasto campo a ser trabalhado.

Assim, impulsionado pelos questionamentos, este trabalho tem como objetivo geral identificar, no periódico tomado como suporte de análise, os novos termos criados, atentando para o contexto temático que favorece o surgimento de tais neologismos. E como objetivo específico descrever os processos de formação das novas palavras, de modo a identificar qual o mais produtivo.

No entendimento de que tudo o que é escrito, é escrito com um objetivo, analisamos as principais motivações dos autores em se desprender, por um momento, do léxico já existente na língua e criar uma nova palavra. Correia (2012, p.18) aborda dois tipos de neologia, a Denominativa³ e a Estilística⁴. Sandmann (1992, p. 27) também trata desses dois tipos, porém, mesclando ambos e apresentando a função discursiva na criação neológica, “[...] a função de expressar os aspectos subjetivos do emissor e a função de adequação discursiva à estrutura do texto como todo”. No primeiro caso, o autor pondera que a novidade surja, principalmente, por meio dos sufixos e, que conforme o contexto ou situação, tenha uma forte expressão de apreço ou despreço. Carvalho (1999) segue nesta direção, apresentando as ambiguidades propositais, metáforas e ironias para possíveis explicações dos porquês na formação de novas palavras.

A empolgação dos estudiosos, em especial os lexicólogos, quanto à formação de palavras novas é justificável pela capacidade criacionista do homem e para uma “manutenção

³ “Resulta da necessidade de nomear novas realidades (objetos, conceitos), anteriormente inexistentes”. (Correia, 2012)

⁴ “Procura uma maior expressividade do discurso, para traduzir ideias de uma maneira nova, ou para exprimir uma visão do mundo”. (Correia, 2012)

preventiva” da língua, pois línguas que não inovaram, que não se recriaram e não entenderam a importância desta “metamorfose”, podem estar em processo de falência, ou já faliram. Parecem ser necessárias, para a língua e os seus falantes, estas mudanças e de formas diversas, seja na oralidade, com os múltiplos discursos, seja na escrita, com os infinitos objetivos. Nesse último caso, uma diversidade neológica é encontrada em jornal, revista, livros de literatura, poemas, músicas, publicidade, meios sociais etc. já que, em sua maioria, são suportes de livre circulação, acessíveis e abertos a opiniões dos mais variados autores.

Na metodologia (que apresentaremos a divisão mais adiante), optamos por realizar uma pesquisa bibliográfica buscando esclarecer os processos de formação; logo, nosso estudo tem como base teórica linguistas como Alves (2007), Carvalho (1999), Correia (2012), Rocha (1998), Sandmann (1992) e Silva e Matos (2016). Apoiamo-nos ainda em análises realizadas por pesquisadores que desbravaram o estudo sobre neologismo neste tipo de suporte, a exemplo de Silva (1999), “atingir leitores representativos de planos diastráticos distintos, do mais culto ao apenas alfabetizado, impõe limites àquele que escreve em jornal” (p.16). Observamos nesta afirmativa que estes “limites” não devem ser entendidos como barreiras e sim como motivadores à adequação do que se deseja transmitir. Outra linguista renomada fortalece o argumento sobre a escolha do jornal, para ela, “a escolha não é arbitrária, (...) os jornais atingem um maior número de leitores”. (CARVALHO, 1999, p.09). A autora reitera a afirmativa dizendo que os elementos neológicos surgem com certa facilidade nos textos de caráter informativo que circulam nos jornais e revistas, dada a função desse suporte de atualização dos fatos e ideias.

A análise é de base quantitativa, já que observamos, no levantamento, a frequência de uso de um recurso para identificar qual o processo de formação mais produtivo, mas também de base qualitativa, porque avaliamos os usos, atentando para os contextos que mais propiciam o aparecimento das novas palavras.

Temos em mãos um amplo e apurado material científico que autoriza, orienta e embasa o presente trabalho. Com isso, destacamos a importância dos processos formacionais à língua portuguesa e ao mesmo tempo damos continuidade aos estudos sobre esta temática para futuras obras.

2 CONHECENDO MELHOR O *CORPUS* SOB INVESTIGAÇÃO

Conforme mencionado, tomamos como suporte para estudo um *corpus* constituído de quinze (15) edições aleatórias do Jornal Correio da Paraíba, do mês de julho de 2019. Trata-se de uma pequena amostra, uma vez que não compreende uma análise exaustiva. Além disso, limitamos o levantamento das palavras novas à coluna que contempla os textos de opinião que engloba a política, cidade e economia.

Na tabela abaixo, apresentamos o número de ocorrências de neologismos por data da edição do jornal, os parâmetros estão evidenciando as datas, em ordem crescente, e as quantidades de neologismos encontrados individualmente. Conforme pode ser averiguado, tivemos dias com apenas uma palavra encontrada e outros com até nove ocorrências.

Tabela (01): Quantidade de neologismos identificados por edição

Dias/julho	03	09	11	12	13	14	20	21	24	25	26	27	28	30	31
Quantidade	02	06	02	02	03	01	04	08	02	09	03	01	03	07	05

Fonte: Elaboração própria.

Sob o aspecto metodológico, o trabalho se desenvolveu em três etapas: na primeira, selecionamos o “corpus de extração”, que corresponde, segundo Correia (2012), ao suporte escolhido, o jornal, para tentar encontrar as palavras novas. Nesse processo de identificação, ocorre o que Alves (2007) denomina de “sentimento do novo”, algo bem intuitivo, momento em que ainda não temos certeza se a palavra é de fato nova; afinal, o que é neologismo para alguns pode não o ser para outros. Nessa etapa, identificamos 99 possíveis neologismos.

Feita essa seleção prévia do que era considerado novo, passamos à segunda etapa, através da qual partimos para a averiguação, em dicionários, do que realmente seria ou não neologismo dentre aquelas palavras separadas. Assim, somente seriam compreendidas como novas as palavras não dicionarizadas. Consideramos, pois, para a seleção o critério vocabular. Na etapa da averiguação, dentre as palavras selecionadas, identificamos 41 palavras já dicionarizadas; logo, não seriam novas⁵. A suspeita de novidade deveu-se a um estranhamento

⁵ Seguem outros exemplos de palavras que foram consideradas novas na primeira fase da pesquisa: *celeridade, acinte, inelutável, combatividade, terminativo, parasito, insuspeito, apinhado, randômica, sequazes, capitaneado, onomástico*.

em relação a termos como *parasito*, *vetusta* ou *marulho*, e também ao total desconhecimento de termos como *pianeiro*, *apinhado* e *enxadrista*⁶.

O dicionário tornou-se, pois, o “corpus de exclusão” (CORREIA, 2012). Após esse filtro, em que foram consideradas novas 58 palavras, passamos à terceira etapa, que consistiu na descrição dos processos formadores com relação às palavras que restaram. Nessa etapa voltada para a catalogação dos dados, distribuímos as palavras conforme os dois processos de maior produtividade: composição e derivação, cuja quantificação consta na tabela a seguir.

Tabela (02): Distribuição dos Neologismos, conforme os processos gerais de formação.

PROCESSOS	QUANTIDADE
Composição	05
Derivação	48
Outros ⁷	05
Total	58

Fonte: Elaboração própria

Para melhor compreensão do tema, abordamos, na sequência, a motivação para a escolha do *corpus* deste trabalho, que diz respeito ao *corpus de extração* (2.1), logo após, falamos do *corpus de exclusão* (2.2). Em seguida, passamos à análise (2.3), com o comentário dos processos de formação, iniciando pelos *processos externos* (2.3.1), considerados os de menor produtividade na língua; e, posteriormente, os *processos internos* (2.3.2), de maior interesse nesta pesquisa, por serem os mais recorrentes.

2.1 *Corpus* de extração: por que um jornal como suporte de pesquisa?

A grafia é uma tecnologia da comunicação, já que, por meio dela, pode-se registrar a linguagem falada por meio de sinais visuais. São exceções a essa regra a escrita em Braille e, no caso do Brasil, Libras, porém, ambas não deixam de ser tecnologias da comunicação.

⁶ Em virtude do estranhamento causado por tais palavras, consideramos relevante apresentar os significados algumas delas: Enxadrista (pessoa que joga xadrez); Marulho (1. agitação e ruído das ondas do mar; 2. Fig. Barulho, tumulto); Pianeiro (no início de século XX. Pianista em cinema e festas familiares) e Vetusta (1. Velho, antigo; 2. Que tem longa idade, longa duração).

⁷ Refere-se à parassíntese (03 ocorrências), onomatopeia e empréstimo (uma ocorrência de cada).

Possivelmente, as escritas mais antigas são as cuneiformes dos sumérios e os hieróglifos dos egípcios. O registro mais antigo até agora encontrado data do século XIV a.C. escrito em símbolos cuneiformes da língua acadiana, um pedaço de barro escrito foi achado em Jerusalém. Também na China, foram encontrados 11 caracteres gravados em casco de tartaruga. Se os pesquisadores comprovarem que estes sinais podem ser considerados uma forma de escrita, esta passa a ser considerada a mais antiga do mundo, com cerca de 8600 anos.

Outras escritas e outros suportes foram desenvolvidos, mas sempre com uma função de comunicação informacional até chegarmos ao jornal. Por isso, concordamos com a afirmação de que “[...] a origem do jornalismo retrocede aos primeiros estímulos de curiosidade do ser humano. Confunde-se com a história da humanidade” (SILVA, 1999, p. 44). Partindo da afirmativa citada, o jornal torna-se um bom suporte para serem trabalhadas as novas palavras. A motivação para a realização de pesquisas como essa, nos jornais, não se deve apenas ao fato da carga informacional ou de sua força comunicacional, outros elementos relevantes devem ser levados em consideração.

A narrativa, acompanhada da opinião, fortalece esta escolha, pois o autor relata os fatos de acordo com sua visão, apresentando uma subjetividade autoral que observamos nos textos jornalísticos, ironias, ambiguidade, apreciação, depreciação, críticas, elogios, entre outras figuras e funções linguísticas para enfatizar e/ou caracterizar uma escrita ou um escritor. Se o jornalista quer se isentar de um comprometimento direto utiliza, muitas vezes, a voz da própria personagem. Silva (1999) enaltece a liberdade textual que o gênero dá aos seus autores, pois lhes permite criar e fortalecer as suas narrativas ou opiniões, escolhendo as palavras conforme uma percepção própria em cada reportagem. O autor reitera que “esse procedimento impulsiona, nos jornais, uma abertura à veiculação de neologismos, visto que possibilita a manifestação linguística individualizada”. (p. 49)

A individualização linguística não deve ser confundida com egoísmo linguístico ou a prova de uma capacidade cognitiva incomum, pelo contrário, deve ser vista como uma ferramenta de evolução e ramificação social à língua, partindo de uma pessoa para os demais falantes de certo idioma, buscando a consolidação da nova palavra. Consideramos, assim, de grande relevância a institucionalização das novas palavras, que seria a entrada de um neologismo no léxico através da dicionarização (tema abordado em seguida), “Não faz sentido um dicionário registrar formações esporádicas de certos escritores” (ROCHA, 1998, p. 95) e o jornal, como outros gêneros, tem este papel de fortalecer ou apressar a institucionalização, pois “[...] é através dos meios de comunicação de massa e de obras literárias que os neologismos,

recém-criados têm a oportunidade de serem reconhecidos e, eventualmente, de serem difundidos” (ALVES, 2007, p. 6). O jornal parece ser mais chamativo que livros, por exemplo, devido ao seu tamanho (poucas páginas), ao caráter urgente de informação, à linguagem mais próxima dos leitores e preço, fortalecendo a acessibilidade a este veículo informativo.

Sendo um instrumento de comunicação acessível, o jornal torna-se um grande aliado da lexicografia, pois as palavras têm de seguir uma trajetória até a aceitação total em uma língua. O processo se inicia com a possibilidade de criação (temos situações impossíveis à formação, *federoso, beijaista, bonifeio etc.*) continua com o reconhecimento, a difusão, a aceitação, a institucionalização e, por fim, a dicionarização. O jornal tem sua função despertada logo após a criação e só “encerrará” o seu trabalho com a dicionarização.

Para citar um caso concreto de como os contextos influenciam diretamente a criação de novas palavras, tomemos o título de uma reportagem exposta em “Veja”, 25 de setembro de 2019: *BOLSONARISTAS X LAVAJATISTAS*. As palavras surgem após divergências entre o atual presidente, Bolsonaro, e o atual Ministro Sérgio Moro, ícone da operação Lava-Jato. Qualquer um que, neste momento político do Brasil, ler ou ouvir uma dessas palavras não encontrará estranheza, já que as bases oferecem “[...] as condições de produtividade e condições de produção” (ROCHA, 1998, p. 85); mas é preciso entender que os neologismos não surgem do nada, certamente surgem para atender a uma função, nesse caso, a de rotular uma nova tendência no contexto político. A situação é nova, e a revista ou o jornal são suportes que atualizam os fatos; na reportagem, fica claro o que se entende por cada uma dessas palavras, e isso fortalece a nossa escolha por investigar o texto jornalístico.

Para entender o processo de formação das palavras *Bolsonaristas e Lavajatistas*, teremos que entender primeiramente o conceito de **base**, que está diretamente ligado aos processos morfossintáticos das formações: “[...] é uma seqüência fônica recorrente, a partir da qual se forma uma nova palavra” (ROCHA, 1998, p. 100). Segundo esta definição, podemos concluir que através das bases são formadas palavras derivadas. Assim, por intuição, um falante nativo reconhecerá facilmente e fará uma rápida distinção entre o produto (palavra derivada) e sua base.

Se qualquer nativo for indagado de onde vêm palavras como *cabeçada, formigueiro e casarão*, por exemplo, não encontrará dificuldade para saber que vieram de *cabeça, formiga e casa*. Esse conhecimento está ligado à intuição, ou competência lexical do falante; assim, aconteceu com *bolsonaristas e lavajatistas* em que se acrescentou o sufixo *ista* às bases Bolsonaro e Lava-jato. Esse sufixo é bastante produtivo na língua portuguesa principalmente

na indicação de profissões (motoristas, artistas, floristas) ou de seguidores, adesão a ideias (malufistas, flamenguistas, elitistas). Outro fato relevante se dá na classe gramatical, por ele ser um cooperador de uma base, ou seja, apesar de apresentar, na fonética, uma distinção, este sufixo não permite que haja uma transgressão sufixal, que seria justamente a sua utilização, forçada, em outra classe que não seja a substantiva, em sentido ou função.

Em relação a *Lavajatistas*, é interessante destacar que a maior diferença está no fato de envolver dois processos de formação. No primeiro processo, as bases *lava* e *jato*, que já fazem parte do léxico, se uniram para formar uma só palavra, por *composição* ou com mais detalhes, *justaposição*, que resulta da combinação de duas palavras para formar uma, sem que haja perda fonológica. No segundo, à palavra composta se junta o sufixo, pelo processo derivacional, surgindo *lavajatista*.

Vale ressaltar que as bases não são necessariamente uma palavra com sentido completo como as apresentadas acima. Com caráter exemplificativo podemos destacar como bases agr-; geo- e agri-, entre outras que são muito produtivas na língua portuguesa quando se anexam a elas sufixos: agra-ário (agrário), geo-logia (geologia) e ainda bases com sentido completo como agri-cultura (agricultura). Fizemos aqui, durante a justificativa do *corpus* de extração, um breve passeio sobre o conceito de “base”; mas devemos esclarecer que os processos de formação serão descritos posteriormente.

2.2 Corpus de exclusão: o Dicionário

Sem dúvida alguma é necessário que se tenha um norte para saber o que de fato é neologismo e o que não é, devemos evitar qualquer resquício de obscuridade ou que traga dúvidas. Pensamos que se buscássemos a confirmação na opinião popular talvez nos faltasse tempo e recursos para uma pesquisa abrangente até a confirmação, sem falar nos variados parâmetros que deveriam ser pontuados (idade, sexo, condição social, cultura, situação geográfica etc.). Nas redes sociais, as pesquisas seriam mais baratas, mas não menos cansativas e incertas devido a pouca convicção da verdade que teríamos (pessoas fingem ser quem não são e poderiam fingir que conhecem ou utilizam tal termo ou palavra), assim, devemos ter em mente que seja escolhido um documento legal, aceito e respeitado, que transmita segurança a quem pesquisa e a quem pretende ler ou estudar o que foi pesquisado.

O documento selecionado como fonte de exclusão e/ou confirmação foi o dicionário, pois esta é a principal ferramenta que nos norteia quanto à exatidão do que vem a ser um neologismo, passando do nível da “formação esporádica” à “formação institucionalizada” (ROCHA, 1998, p. 81-82) ou, segundo outros estudiosos, é através dele que verificamos o caminho do “vocabulário passivo” para o “vocabulário ativo” (CARVALHO, 1999, p.15). Para o fortalecimento desta escolha contamos, ainda, com a afirmativa da lexicografia (ramo de estudo que utiliza a técnica de confecção dos dicionários e análise linguística desta técnica) que representa uma importante contribuição, através de vários estudos linguísticos, para amenizar dificuldades conhecidas, este ramo científico continua apresentando o dicionário como um grande auxiliador aos usuários de uma língua, principalmente à norma culta (ROCHA, 1998, p. 95). Utilizamos o Dicionário Aurélio Ilustrado (2012), Dicionário Escolar da Língua Portuguesa (2015), Dicionário online de Língua Portuguesa, Minidicionário Antônio Olinto (2005) e Minidicionário Soares amora de língua portuguesa (2012).

Por uma questão de “sobrevivência social” dos falantes e manutenção da língua, existe a ampliação vocabular, que não é feita sem rigor. Significa dizer que uma palavra recém-institucionalizada ou acatada ao vocabulário ativo de uma comunidade de falantes não é imediatamente dicionarizada. Um exemplo é o termo *sextou*, utilizado com certa frequência para informar que chegou a sexta-feira, mas que não consta ainda no dicionário. Até a confirmação existe um longo caminho a percorrer, que vai desde a criação à dicionarização; a palavra nova passa por um ou mais processos, que se iniciam com a apropriação, pela língua, de alguns recursos para a formação das palavras.

Podemos afirmar que os documentos selecionados à pesquisa são de grande respeito entre os falantes da língua portuguesa, ambos já foram e ainda são muito solicitados por pesquisadores brasileiros. Ao tomarmos o jornal, (suporte de extração) e o dicionário (suporte de exclusão), tratamos diretamente do comprometimento deste trabalho com a realidade social vivenciada, afinal, os *corpus* citados são de fácil acesso e com uma dinâmica próxima da realidade dos leitores, que aceitam, através desses suportes, a confirmação de um neologismo e a criação de uma nova palavra. A criação neológica e as análises são os temas da seção seguinte.

2.3 Processos Formacionais: definição e análise

Conforme mencionado, os processos de formação de palavras são vários, sendo uns mais produtivos do que outros. Esse fato tem relação com a motivação para o surgimento de uma nova palavra e a condição de produção que pode ser de natureza interna ou externa à língua. Por essa razão e para não haver uma dispersão do raciocínio, organizamos esta seção, na qual descrevemos os processos de formação, e comentamos os dados da nossa pesquisa, em duas grandes classes: **formações externas** e **formações internas** à língua.

À medida que as definições forem sendo efetuadas, esclareceremos como foi formado o neologismo, bem como as possíveis motivações do seu surgimento. Durante a análise, a referência aos dados dos jornais será organizada da seguinte forma: abaixo de cada fragmento extraído do jornal, vem a indicação do título, seção, pág. da edição e data.

2.3.1 Construções de palavras externas à língua

Compõem esse grupo, os três tipos de formação: Ex Nihilo⁸, Onomatopéia e Empréstimo, estando os dados assim distribuídos:

Tabela 03: Processos Externos à Língua

PROCESSOS	QUANTIDADE
Onomatopéia	01
Empréstimo	01
Total	02

Fonte: Elaboração própria

2.3.1.1 Formação por Ex nihilo

Bastante incomum à criação de novas palavras em qualquer língua, o processo de formação “Ex nihilo” remete a uma expressão latina, que significa literalmente “a partir do nada”. Rocha (1998) afirma ser um processo criacional raro e pouco importante, e Correia

⁸ Como não houve ocorrências desse processo de formação nos dados em análise, não consta na tabela.

(2012, p. 34) menciona que nesse tipo de formação surgem “unidades que não apresentam qualquer tipo de motivação à formação”. A falta de motivação é decisiva à improdutividade deste recurso, devido ao fato da maioria dos falantes criarem por analogia e utilizarem bases já existentes na língua. Em outras palavras: se faz necessário uma espécie de gatilho à formação, criar uma palavra com pouco ou nenhum impulso torna-se um trabalho árduo e complicado.

Conforme Correia (2012, p. 34), é nítido o papel da motivação para formação de novas palavras, uma vez que, “[...] no léxico mental, as palavras se encontram armazenadas em função das relações de vários tipos que estabelecem entre si, relações formais, morfológicas, semânticas e referenciais combinatórias”. Significa dizer que sem a motivação necessária, algumas qualidades do cérebro como armazenamento, recuperação e atualização de informações e o próprio processamento de palavras são fragilizados, tornando o fenômeno *Ex Nihilo* cada vez mais raro e improdutivo. Mesmo assim, Rocha (1998, p. 99) cita, no seu trabalho, as palavras *tcham* e *escambau*, ambas de formações gíricas. Sobre esse processo, Sandmann esclarece ser resultante da combinação de fonemas ou sílabas e não de palavras ou morfemas já existentes na língua. O autor ressalta que a prova desta hipótese está no fato de “[...] em seguidos anos de pesquisas, só termos encontrado uma forma: *tititi* (diz-que-diz-que, mexerico)” (1992, p. 22). É um processo com uma alta complexidade para acontecer, talvez por isso não encontramos nenhum nos jornais pesquisados.

2.3.1.2 Formação por Onomatopeia

Se no processo de formação descrito no tópico anterior formam-se palavras a partir do nada, neste, a formação se dá por reprodução de um som real. A gramática tradicional trata esse processo como figura sonora da linguagem, em virtude da sua atuação em HQ, charges e tirinhas. São exemplos as palavras *puf*, *bum*, *clapt*, *slap*, *kabrum*, *pow* muito explorados nesses gêneros. Esse fenômeno pertence à categoria morfossintática partindo da fonética, mas é normal a construção de palavras em outras categorias como a verbal, principalmente ao representar vozes de animais: *zumbir*, *zurrar*, *gralhar*, entre outras. Muitas onomatopeias são rapidamente incorporadas ao léxico; por isso, a gramática não descarta a função criacionista deste processo, aceitando-a como mais um processo de formação de palavras.

Cabe ressaltar que, nas onomatopeias, embora os signos para a criação sejam arbitrários, há uma relação entre a palavra criada e sons ou ruídos representados por ela. Correia (2012, p.34) faz a observação de que o som produzido pelo mesmo animal pode variar entre

línguas ou até na mesma língua e explica que “em português brasileiro o cachorro faz *au-au*, enquanto o português de Portugal o cão faz *ãõ-ãõ* ou *béu-béu*”. Como o ponto de partida é algo externo, ou seja, extralinguístico, não apresenta uma base, por isso há menos motivação aos estudos onomatopeicos do ponto de vista morfológico (ROCHA, 1998). Também a função semântica desse tipo de formação é limitada, sobressaindo a função estilística. Segundo Silva (1999, p. 141), “essa limitação quanto ao conteúdo semântico, é compensada pela força estilística que advém do uso de unidades lexicais onomatopeicas na comunicação”. Ao abordar a duplicação e reduplicação, que é a repetição de grupos fonêmicos, o autor enfatiza que “é um tipo de formação onomatopeica que se mostra produtivo, especialmente na linguagem coloquial” (SILVA, 1999, p.142). As onomatopeias podem resultar da combinação de palavras (*quero-quero*, *reco-reco*, *tico-tico*, *pingue-pongue*; *bangue-bangue*; *tique-taque*) ou de sílabas (*tim-tim*, *blábláblá*, *zum-zum*).

No jornal em análise, apenas um caso se enquadra nesse tipo de formação, e corresponde à duplicação de sílabas, é o caso de "mimimi", no trecho a seguir:

Ex. (1): “Após receber declarações indignadas de políticos, assessores e de representantes do segmento cultural, apressei-me em ouvir a fala do presidente [...] Aqueles governadores de ‘paraíba’, o pior é o do Maranhão. Não tem que ter nada com esse cara” [...] Bolsonaro admitiu que criticou os governadores por conta do posicionamento dúbio em relação a previdência”. [...] Até aqui, a Paraíba não pode dizer que foi discriminada. Menos de dois meses após a posse, Bolsonaro deu aval do governo federal para a Paraíba contrair empréstimo com o BIRD, de US\$ 50 milhões, para o projeto Cooperar. Detalhe: foi negado pelos governos Dilma e Temer. [...] “Foi um gesto importante. Que os gestores reconheçam e encerrem este **mimimi**”. (JCP, A3, 24/07/19).

No texto, a autora critica o comentário excessivo dos governadores do Nordeste em relação à fala do presidente, já que, para ela, o discurso proferido foi uma infelicidade, mas a prática governamental segue sem discriminação, principalmente à Paraíba. A autora se refere a esse comentário excessivo por parte dos governadores como um **mimimi** e que deve ser encerrado.

Sobre a análise da nova palavra entendemos que, isoladamente, a sílaba *MI* refere-se ao som da 1ª e da 6ª cordas do violão, tocadas livremente, mas consiste em uma onomatopeia devido à verossimilhança com o som do instrumento. Ao reduplicar a sílaba semanticamente vazia, ocorre o acréscimo de um novo sentido atribuído pelos falantes – o de “muita conversa”, no linguajar popular, que fora o provável objetivo da autora.

No Brasil, a duplicação *MIMI* é comum quando se nomeia um felino doméstico, o gato, provavelmente representando o som do miado que o animal faz. Esse recurso também pode ser usado como manifestação do sentido de carinho, afeto como em alguns nomes próprios TáTá (Tatiane), FiFi, (Sofia), CáCá (Carlos, Kátia) etc.

2.3.1.3 Formação por Empréstimo

Outro processo externo de grande cooperação às línguas é o empréstimo, também referido como estrangeirismo. Ocorre pelo contato com outras comunidades de falantes e se refletem lexicalmente, Alves (2007, p.72) considera que “O estrangeirismo costuma ser empregado em contextos relativos a uma cultura alienígena”, corroborando a afirmativa de que é um processo completamente externo.

Carvalho (1999, p.41) chama este processo de “adoção”, concebendo-o como sendo uma palavra adotada em outro idioma e que ganhará o título de filiação somente após a aceitação na nova língua. Com relação a esse aspecto da aceitação, historicamente, não é um processo visto com bons olhos por todos os estudiosos.

Ao discorrer sobre os processos externos à língua, Correia (2012, p. 68) comenta que “Dos três grandes processos disponíveis para a inovação lexical, aquele cujos resultados mais chocam o falante é, sem dúvida, a importação de palavras”. Parece existir uma precaução contra algo que possa descaracterizar a língua portuguesa. Confirma esse fato um artigo intitulado “Na ponta da língua inculta e bela”, publicado no jornal Folha de São Paulo, em 15/01/98, do jornalista, professor e escritor Arnaldo Niskier, na época, presidente da Academia Brasileira de Letras, por entender como perigoso este avanço dos estrangeirismos na língua portuguesa. Nas palavras do autor:

A conclusão é que se deve cuidar dessa matéria de forma inteligente, sem patriotadas, mas com objetividade, no sentido de valorizar o idioma de Machado de Assis e Eça de Queirós. Se a nossa pátria é a língua portuguesa, por que não cuidar dela? (NISKIER. Folha de S. Paulo. OPINIÃO, 15 de janeiro de 1998).

Em contrapartida, Sandmann (1992) defende que a adaptação do estrangeirismo deve ser decisivo à aceitação, raciocínio corroborado por Silva (1999), que esclarece que alguns usos são necessários, não havendo, em muitos casos, estranhamento.

Convém ressaltar, todavia, que há um grande número de estrangeirismos que são necessários, por não existirem formas equivalentes na Língua Portuguesa. Além disso, muitos desses termos já se encontram completamente acomodados ao sistema linguístico português, não vindo seu uso a ocasionar qualquer estranhamento ao falante comum. (SILVA, 1999, p.152)

Os autores que tendem à aceitação ressaltam três aspectos que podem ser resumidos em: a importância de avaliar se já existe um termo ou expressão coerente na língua portuguesa, Silva (1999); de pesquisar a recorrência do neologismo, se ele está tachado em apenas uma comunidade específica de falantes ou de uso geral, mesmo que teoricamente, Sandmann (1992); e, por fim, a tese defendida por Alves (2007) é a de que, em suma, não se deve desmerecer a importância da influência para a ascendência social, cultural, política e democrática da língua de uma nação.

Correia (2012, p.70) chama a atenção para o assunto, afirmando: “temos, isso sim, é o dever de refletir um pouco sobre essas importações e de propor, se possível, formas mais adequadas à língua portuguesa para substituí-las”. Quanto a uma possível solução, a autora está de acordo com a gramática tradicional ao afirmar que a palavra pode conservar as características fonológicas e ortográficas do seu sistema de origem, a exemplo de *software*, *boom*, *shopping Center*, caso a que referimos como “estrangeirismo”. Pode ainda a palavra adaptar-se à língua de acolhimento (CORREIA, 2012, p.71), como “*botão* (do francês bouton), *escâner* (do inglês scanner)”, o que caracteriza o “empréstimo”. Com isso, os empréstimos ganhariam o título de filiação.

No *corpus* sob análise, encontramos um único caso. Vejamos:

Ex. (2): “Delgatti Neto foi um dos presos na Operação Spoofing, suspeito de ter **hackeado** telefones de autoridade [...] “Os suspeitos de **rackear** os aparelhos (...), serão ouvidos pelo juiz”. (JP, 30/07/19, p. A5)

Conforme a reportagem, os suspeitos de terem ouvido, lido e até enviado mensagens de aparelhos celulares de algumas autoridades do Brasil estão presos. O crime diz respeito ao fato de os indivíduos terem invadido aparelhos telefônicos de forma ilegal.

Na língua inglesa, *racker* significa um ciberpirata. Aqui no Brasil, a palavra hacker, já dicionarizada, refere-se a um indivíduo que se dedica, com intensidade incomum, a conhecer e modificar os aspectos mais internos de dispositivos, programas e redes de computadores. O verbo *hacker* não existe na língua portuguesa, em ambos os casos citados, a palavra ganha

características verbais, ocorrendo uma alteração semântica e mudança de classe gramatical da palavra.

Ao verbalizar este substantivo, a língua aponta para uma futura aceitação do empréstimo na classe verbal, afinal, os termos *rackeado* e *rackear* (não dicionarizados) sugerem que a ação foi (já está *rackeado*), ou será (vamos *rackear* o sistema) efetivada. Além disso, já aparecem as formas escritas *raqueado* e *raquear*, em que se dá a substituição de “cke” por “que”, sinalizando um futuro aportuguesamento da palavra.

A ausência, no *corpus* examinado, de formação Ex nihilo, comprova o que afirmaram autores citados neste trabalho – é um processo, além de raro, bastante complexo. Sobre a onomatopeia, normalmente, é um tipo de formação que toma por base algum som para tentar imitá-lo, por exemplo, ‘bum’ representa um barulho de explosão, ‘toc toc’ uma batida na porta, entre outros. O termo criado pode ser visto como a imitação de algum instrumento que, sendo tocado, se repete a mesma tecla ou corda, passando de um som agradável a desagradável.

No caso de empréstimo, consideramos as duas palavras “hackear” e “hackeado” como um fenômeno único, já que a base tomada foi a mesma, estando já dicionarizada, e o objetivo morfológico dos produtos em relação à base também foi mantido, a verbalização da palavra hacker. O autor da palavra nova conseguiu transformar um substantivo em um termo verbalizado acrescentando os sufixos verbais –ar e –ado, daí o questionamento: por que não entendê-la como uma derivação? Nota-se que as características fonológicas e ortográficas do seu sistema de origem (inglês) se mantiveram; por isso, a tratamos como “estrangeirismo”, numa futura alteração do som ou da escrita, a palavra será adota e aceita completamente na língua portuguesa. Nas palavras de Carvalho (1999), ela passará de um empréstimo original para um empréstimo adaptado.

Os processos externos à língua, como já dito, são menos produtivos, fato confirmado em nossa pesquisa. Obtivemos apenas dois casos, um onomatopeia e um estrangeirismo, no primeiro caso, a palavra mimimi, surgiu no início do século XXI e que naquele momento fora utilizada para denunciar um personagem reclamão, hoje é expresso nas mais variadas formas e com muitas finalidades (quem fala demais, choraminga demais, murmura demais ou quem conversa sobre assuntos que não empolgam), o segundo, trata do aportuguesamento da palavra hacker e que por ser uma palavra nova, mas necessária, na realidade atual devido aos avanços tecnológicos, esse termo, provavelmente, será adotado e dicionarizado à língua portuguesa.

Esta improdutividade dos processos externos não é culpa dos falantes, nem tampouco do próprio processo, o fato parece estar ligado ao envolvimento criacional dos autores e das

dinâmicas, que são mais livres, dos processos internos, funciona como se um processo permitisse uma usualidade maior em relação ao outro, e essa permissão na usualidade favorece a criação. A partir deste ponto da pesquisa discorreremos sobre o processo mais produtivo e começaremos a análise com os processos de composição.

Construções de palavras internas à língua

Podemos definir o processo de construção interno como a ligação ou ajuntamento de elementos já existentes na língua para a criação de outro. Correia (2012, p.35) afirma que “[...] tal como outra língua, também o português possui a capacidade e os meios para a construção de palavras.” E ainda “Para construir novas palavras, parte-se de elementos preexistentes”.

Na opinião dos autores, anteriormente citados, esse tipo de formação inclui os processos mais produtivos na língua portuguesa: a composição e a derivação. Na formação por derivação podem-se usar afixos (prefixo e sufixo, fazendo com que exista apenas uma base lexical⁹) e, na composição, ocorre a união mínima de duas bases lexicais, mesmo assim, todo este caminho não garante a incorporação da palavra nova na língua, como já descrito anteriormente; existe um “caminho” a ser percorrido até a dicionarização e aceitação completa pelos falantes. Quanto à aceitação, uma das vantagens do processo interno em relação ao externo se deve ao fato de que o primeiro, normalmente, usa algumas regras já interiorizadas e conhecidas pela maioria dos falantes, facilitando a formação e a aceitação. Na sequência, descrevemos cada processo.

2.3.2.1 Composição

Segundo a gramática tradicional, o processo de composição consiste na combinação de dois radicais para formar uma nova palavra, tendo a palavra formada um sentido diferente de cada um dos radicais que a compõem. Logicamente, que existe uma analogia entre um ou mais termos para se criar um novo. Palavras como *aguardente* (água + ardente) e *guarda-roupa* (guarda + roupa) são aceitas; nenhum falante da língua portuguesa dirá que não fazem sentido. Outra característica deste processo é a não aceitação de sinônimos para a nova formação; os

⁹ Entende-se por classes abertas de palavras (verbos, substantivos e adjetivos) e que permitem denominar entidades que existem na linguagem (CORREIA, 2012, p. 37)

falantes estranhariam *aguaqueimante* ou *fluidardente*, bem como *protege-roupa* ou *guarda-traje*, mesmo que este possa ser usado em ironias ou depreciações. Em português, há dois mecanismos no processo de composição: justaposição e aglutinação.

Por Justaposição (justa + posição) entende-se o processo em que se combinam dois (ou mais) radicais, sem que ocorra alteração na sua forma fonológica, é um processo de adição na língua portuguesa; os elementos são portadores de significado, são autônomos e podem ser classificados em alguma classe de palavras como verbo, substantivo e adjetivo. No aspecto semântico, deve haver uma mudança total entre as bases isoladas e as justapostas. As palavras *cachorro-quente*, *guarda-roupa* e *cinco estrelas*, todas com características de justaposição, não significam “animal/cão quente”, “segurança de roupas”, ou ainda “alguém contando estrelas”, respectivamente.

Em relação à formação lexical, o substantivo é muito empregado neste processo, como revelam as formações já citadas, que apresentam os substantivos (cachorro, roupa, estrelas). Também o adjetivo (quente), o verbo (guardar) e o numeral (cinco) indicam uma relação entre o determinante e o determinado ou vice-versa já que não é uma estrutura fixa. Esse é um processo estrutural, morfossintático, que envolve coordenação e subordinação. Para ilustrar, tomemos dois exemplos citados por Correia (2012, p.55):

- a) “*Outono-inverno* (nome + nome): junção de duas bases, em que o produto resultante tem a mesma função das bases que o formaram.” A inversão da ordem dos termos inverno-outono não provoca danos morfossintáticos à informação, pois não perde sua essência.
- b) “*Couve-flor* (nome + nome): o nome à direita (determinante) modifica o da esquerda (determinado), que funciona como núcleo do sintagma.” Logo, o elemento da direita (flor) é subordinado, e semanticamente especifica um tipo de couve.

Assim, a composição é um processo que pode se realizar tanto por subordinação quanto por coordenação. A pluralização da palavra criada, normalmente, pode ser vista como definidor do tipo de relação entre os itens. Nesse caso, em: *couve-flor* → *couves-flor*, *verde-alface* → *verdes-alface*, e *seguro-saúde* → *seguros-saúde*, como ocorre a pluralização do núcleo apenas, fica evidente o mecanismo de subordinação; quanto às unidades: *outono-inverno* (outonos-

invernos), hotel-fazenda, (hotéis-fazendas), cirurgião-dentista (cirurgiões-dentistas) e surdo-mudo (surdos-mudos) exemplificam a coordenação, pois ambos os itens aceitam a pluralização. Porém, essas observações não devem ser tomadas por taxativas, pois, na língua portuguesa, alguns produtos fogem às regras como: “enredo-denúncia”, “pinta-preta” e “média-metragem”, que, mesmo aceitando a pluralização, são representantes de subordinação, nos quais o determinante ora antecede o determinado, ora não.

Cabe acrescentar que a pluralização não é um procedimento adotado em composições justapostas formadas por verbo+nome. Exemplos como lava-louças (um lava-louças, três lava-louças), porta-malas (um porta-malas, três porta-malas) e saca-rolhas (um saca-rolhas, três saca-rolhas), revelam que o verbo não se flexiona, mesmo quando se indica a noção de plural. Ou seja, não são aceitáveis as combinações “lavam-louças”, “portam-malas” e “sacam-rolhas”. Portanto, a pluralização é uma característica presente na união entre dois substantivos. Seguem os casos de composição que retiramos do *corpus*.

Ex. (3): “O deputado Pedro Cunha Lima (...) disse que o Governo Federal começou a valorizar a primeira infância ao lançar uma “**carta-compromisso**” com objetivos para a educação básica até 2022.” (JCP, 12/07/13, p. A6).

Ex. (4): “Acrescenta-se à política de reciclagem da Emlur, a coleta feita pelo **catatreco** e eletrônicos, além da Usina de Beneficiamento (...).” (JCP, 31/07/19, B3).

Em (3), temos um trecho de reportagem que discorre sobre um acordo, teórico, que o Governo assumiu diante da sociedade para tentar melhorar o ensino da educação básica até o fim do atual mandato. O documento foi chamado pelo deputado Pedro Cunha Lima de “carta-compromisso”. Assim, o conceito tradicional de carta (dar notícias sobre assuntos ou pessoas, minimizar distâncias através das palavras, formar elos) foi alterado, indicando ao mesmo tempo “imposição” de um cumprimento de responsabilidade do Governo. Fato interessante, nesse procedimento, é a forma composicional entre os substantivos concreto e abstrato, explicitando a subordinação do elemento da direita em relação ao da esquerda, que é o núcleo. A pluralização da primeira base e não da segunda corrobora o que fora dito anteriormente e confirma a relação determinante /determinado.

O trecho da matéria, em (4), aborda sobre o uso consciente da coleta de lixo e outros objetos que são descartados pela sociedade, mas que podem ser reciclados. O autor faz uma distinção dos itens jogados no lixo, e cita uma equipe especializada em coletar e separar eletrônicos e outros materiais classificado de “trecos”, por isso a referência à “catatreco”.

Nessa combinação verbo + substantivo, o segundo elemento faz o papel de objeto direto, demonstrando claramente a condição de subordinação do segundo em relação primeiro, que é um verbo transitivo direto. No caso de pluralização, apenas a segunda base recebe marca de plural, ficando *catatrecos*.

A união do verbo “catar” com o substantivo “treco”, que se refere a objetos pouco conhecidos ou irreconhecíveis, normalmente citado entre a população como coisa, troço ou simplesmente aquele negócio estranho, ocorre por uma analogia muito forte por isto soa bem, mas não está dicionarizado.

Vale ressaltar a diferença semântica que existe entre o prefixo grego ‘cata-’ e o verbo ‘catar’ conjugado. Este faz com que a palavra criada continue com o sentido de buscar, procurar ou colher um a um; aquele, de movimento de cima para baixo como oposição e encontramos em catalogar, catatonia e cataclismo por exemplo.

Segue mais um caso:

Ex. (5): “O ‘**Bibliosolidário**’ é formado por (...), através de dinâmicas e brincadeiras, vão incentivar a leitura e distribuir livros para cada menino e menina participante.” (JCP, B3, 20/07/19).

O texto menciona um grupo de pessoas solidárias que lêem livros para outras pessoas, com o objetivo principal de envolver as pessoas no mundo literário. O grupo ficou conhecido como “bibliosolidário”, justamente por causa da disposição em tentar ajudar o próximo. Temos a composição de um radical grego (biblio) e um adjetivo (solidário). A provável motivação à criação se dá ao fato de já existirem palavras com o sentido próximo ao que se desejava utilizar, como em “Biblioteconomia”, que é um conjunto de conhecimentos sobre as formas de organizar e administrar bibliotecas, ou ainda “Bibliografia”, que diz sobre o conhecimento de livros ou descrições deles e ainda conjunto de autores ou obras de um autor. Com isso, o termo ‘bibliosolidário’ é aceitável à língua portuguesa e tem todas as condições de ser dicionarizada num futuro próximo.

Em relação à composição por **Aglutinação**, assim como a justaposição, é a combinação de dois (ou mais) radicais, porém, o seu resultado sofre alteração fonológica porque é comum que um dos dois elementos perca alguma letra ou sílaba com a junção. Este processo envolve outros fenômenos linguísticos, como: i) a substituição, a exemplo de *Pernllongo* (pernA + longo); ii) a supressão de um ou mais termos, como na palavra *embora* (em + boA +

Hora), em que ocorre uma apócope¹⁰ e uma aférese¹¹, e na palavra *Fidalgo* (fiLHO + dE + algo), em que ocorre a síncope¹²; e iii) a junção de sons idênticos, crase, como em *Aguardente* (águA + Ardente).

Fato que merece destaque é o caso de subordinação do elemento da direita sobre o da esquerda. A tonicidade do termo posterior aponta à tonicidade do produto, fazendo com que até o acento, caso haja, no elemento da esquerda seja desconsiderado na palavra nova, fortalecendo assim o laço subordinativo. Tomemos as palavras Água+ArDENte → aguarDENte; PERna+LONgo → perniLONgo; Filho+de+Algo → fiDALgo etc. Observemos os dados do *corpus* tomado para análise:

Ex. (6): “Com os casos, viu-se a necessidade de profissionais capacitados a fim de diagnosticar casos de malária o mais rápido possível (...). É uma nova metodologia diagnóstica representada pelos testes “**imunocromatográficos**”. Esses testes são realizados em fitas de microcelulose, contendo anticorpo monoclonal contra antígenos específicos do parasito.” (JCP, 20/07/19, p. B2)

Ex. (7): “Vejo a **boadrasta** plantando, florindo, semeando, colhendo. Sorvendo o íntimo amoroso bondosamente lapidado (...), amor de alma, que nunca morre”. (JCP, A6, 26/07/19).

Em (6), temos uma formação por aglutinação pouco comum na língua portuguesa, em que três palavras adjetivas autônomas (imune+cromado+gráfico) se unem, resultando em uma só palavra. Como em todo processo por composição, ocorre a utilização sintática para um fim lexical. Ao avaliar o processo, identificamos primeiramente a substituição da vogal “e” pela vogal “o”, para uma melhor adequação da fala e, em seguida, a substituição da labiodental “d” por “t”, em cromado; por fim, a conservação total do último elemento, mantendo, inclusive, a tonicidade, deste, na palavra criada. Com todas essas transfigurações, o novo sentido fica visível, para a referência a um novo tipo de teste, algo mais avançado que o anterior, que não se utilizava as fitas de microcelulose e, por isso, demoravam em apresentar o diagnóstico.

Também em (7), a união de um adjetivo (boa) com o nome (madrasta) não é comum, mas semanticamente é muito forte, pois altera por completo o sentido da palavra *madrasta*, já

¹⁰ Eliminação dos sons finais de uma palavra.

¹¹ Fenômeno que separa (retira) a letra ou sílaba inicial de uma palavra.

¹² Entende-se como o desaparecimento de fonema(s) no interior de vocábulo, tornou-se a diminuição ou subtração mais comum.

consagrada. Inovação que já aconteceu na língua portuguesa como, por exemplo, benéfica e maléfica. Provavelmente, a criação deve ter surgido a partir deste exemplo citado, caso em que o antônimo foi bem utilizado e aceito, ao mesmo tempo esse tipo de formação, mostra que o autor conhece a antonímia e sabe usar bem o jogo de palavras. Ao apresentar diversas qualidades positivas desta mulher, o autor tenta quebrar o estereótipo de que as madrastas são pessoas más e de que nunca poderão ser boas substitutas das mães.

Se atentarmos às diferenças, observaremos que houve a substituição total da primeira sílaba da segunda palavra, mas tanto uma, quanto outra palavra são adjetivos – e adjetivos antônimos. Embora o termo ‘boadrasta’ esteja presente no contexto de fala, ainda não é dicionarizado como já são as palavras “malignidade”, “benignidade”, “maléfica” e “benéfica” citada anteriormente.

Para finalizar este tópico, seque os quadros em que apresentamos os dados, de acordo com os tipos de elementos envolvidos na construção:

Quadro (01): Processo interno de composição por justaposição

FORMAÇÃO	BASES
Carta-compromisso	Substantivo + substantivo
Catatreco	Verbo + substantivo
Bibliosolidário	Substantivo + adjetivo

Fonte: Elaboração própria

Quadro (02): Processo interno de composição por aglutinação

FORMAÇÃO	BASES
imunocromatográfico	Adjetivo + adjetivo + adjetivo
Boadrasta	Adjetivo + substantivo

Fonte: Elaboração própria

Apesar de o nosso *corpus* ser restrito, os dados confirmam que, no processo interno, a composição tem menor produtividade que a derivação, tanto que só identificamos 05 (cinco) ocorrências, corroborando a afirmação de Rocha (1998, p. 154) de que a composição necessita de raízes (bases) com valores semânticos de substantivos, adjetivos e verbos para uma formação aceitável, o que não é obrigatório nos afixos à formação derivacional.

No entendimento e criação de uma nova palavra, nesse processo, a função semântica das bases deve ser levada em consideração, pois “O que se dá é que o falante possui, no seu léxico mental, uma espécie de BANCO DE BASES PRESAS, que ele utiliza não só para

reconhecer palavras, como também para criar”. (ROCHA, 1998, p. 190), porém, esse banco não é usado de forma arbitrária na criação, com isso torna-se assim um processo com certo grau de complexidade, já que o falante não apenas deve falar a língua nativa, mas também ter algum conhecimento gramatical, conhecimento que faz uma separação natural entre quem tem mais intimidade com a língua falada e quem tem menos, pois “o recurso a essas raízes envolve um conhecimento da língua que não é comum a todos os seus falantes” (CORREIA, 2012, p. 53).

Então, se falarmos das formações das palavras ‘boadrasta’ e ‘imunocromatográfico’ por exemplo, verificaremos que naturalmente qualquer falante nativo do português poderá criar e entender a primeira facilmente, tanto pela proximidade de uma palavra que já existe, quanto pela facilidade associativa dos adjetivos ‘bom’ e ‘mau’; já com relação à segunda, torna-se mais complexo o entendimento correto e uma provável criação por parte de qualquer falante, já que envolve o conhecimento da área e da linguagem técnica.

Ao comparar com os processos externos, confirmamos que a composição é produtiva. Na justaposição, tivemos 03 (três) ocorrências neológicas e na aglutinação, 02 (duas). Em relação a usualidade morfológica das bases, tivemos uma preeminência dos adjetivos e substantivos com 05 (cinco) palavras para cada uma destas classes, o que nos leva a confirmar (de acordo com os dados) que na composição estas categorias são importantíssimas.

Mesmo com esta produtividade é visível a diferença entre os processos internos composicionais e os derivacionais, que serão percorridos a seguir.

2.3.2.2 Derivação

Conforme Correia (2012, p. 38), a maioria das palavras novas dicionarizadas passa pelo processo de derivação, podendo ainda uma palavra derivar de outra já formada por derivação, surgindo a derivação prefixal e sufixal.

A derivação, na língua portuguesa, pode se realizar pelo acréscimo de afixos. Os dicionários definem como sendo afixo um elemento que se agrega ou se adiciona ao radical para a formação de uma nova palavra. Esse elemento pode vir antes (prefixo), após (sufixo) ou ambos simultaneamente (parassintética) ao radical. Correia (op. cit.), destacando a importância desse processo, chega a dizer que na derivação só existem dois processos “temos a derivação afixal, que é a mais típica de todas, e, por outro, temos a chamada derivação não afixal, a conversão” (2012, p. 38). A autora faz uma grande distinção entre a derivação afixal e a

parassintética, ao descrever aquela como um processo binário e esta como sendo um resultado de vários processos derivacionais.

A língua ainda conta com um grande leque de prefixos gregos e latinos, e sufixos nominais, aumentativos e diminutivos responsáveis por inúmeras formações. Por isso, compreendemos que se a derivação é o processo de construção que mais gera novas palavras, a sufixal é a maior formadora de neologismos dentro da derivação e, conseqüentemente, da língua portuguesa brasileira.

Antes de descrever os dois mecanismos derivacionais, apresentamos a tabela abaixo, com a quantificação geral dos dois processos derivacionais.

Tabela (04): Quantificação dos dados conforme os processos derivacionais

PROCESSOS	OCORRÊNCIAS
PREFIXAL	18
SUFIXAL	31
PARASSÍNTese	03

Fonte: Elaboração própria

Para facilitar o entendimento, ao descrever os dois mecanismos (derivação prefixal e sufixal), apresentamos uma tabela com a relação dos afixos identificados no *corpus*, a indicação do seu valor semântico e o número de ocorrências. Após a tabela, ilustramos os trechos retirados do jornal, seguindo-se o comentário.

2.3.2.2.1 Derivação prefixal

A principal função da derivação prefixal são os acréscimos semânticos, pois, inevitavelmente, ocorre alteração no sentido do radical; mas, em alguns casos, há alteração da classe gramatical da palavra. Observemos a palavra “antirrugas” na oração: “O creme antirrugas não funciona”. Ora, a palavra “rugas” é um nome, mas, ao se unir ao prefixo ANTI- assume a função de um adjetivo para caracterizar o creme citado, não se trata de um creme qualquer, mas de um creme antirrugas, um creme que tem a função específica de combater, ir contra, as rugas de qualquer pessoa que o utilize. Esse exemplo foi citado apenas com o objetivo de trazer à tona um traço que é apontado nas definições tradicionais sobre os prefixos – que eles não alteram a classe ou categoria das bases.

Embora menos complexo que a derivação por meio de sufixos (que analisaremos mais adiante) a derivação prefixal tem o seu grau de complexidade afluído quando se trata do eixo semântico. Conforme Carvalho (1999), os prefixos mais produtivos na língua portuguesa apontam os problemas sociais justamente devido aos vários sentidos expressos nas formações: negação, oposição, privação, localização espaço/temporal, avaliação, intensificação, quantificação e outros mais para um possível horizonte da sua usualidade.

Podemos, então, caracterizar esse processo como o correspondente dos antigos advérbios e preposições gregas e latinas, que aparecem sempre à esquerda da base e que têm um valor semântico bem característico, não descartando a carga avaliativa que atribuem ao vocábulo em usos equivalentes a adjetivos. Carvalho (1999) chega a citar os casos de MEGA- e HIPER-, que expressam noção de grandiosidade - “muito grande”, por exemplo: *Megaconstrução*, *Hipermercado* e que podem ser utilizados isoladamente.

Sandmann (1992) já apontava para o pensamento de Carvalho (1999), ao informar que alguns prefixos parecem ter assumido um significado tão real quanto qualquer outra palavra. O autor alega o fato de alguns prefixos terem uma mobilidade morfológica muito rica; mas deixa claro que estes necessitam de outra palavra ou até mesmo outro prefixo para serem entendidos dentro do contexto e cita três exemplos desta “autonomia” prefixal. Para o autor, soam normalmente frases como: “Ela é responsável pelo tratamento **pré** e pós-operatório.” e “Este argumento deve ser música para os 68% dos analfabetos, ou **semi**, entre os 80 milhões de eleitores” ou ainda, “O homenageado (...) confabula com o **ex** e atual Carlos Von Schmidt.” soam normalmente. (SANDMANN, 1992, p. 37).

A afirmação de que “pré-”, “semi-” e “ex-” podem ser utilizados separados de uma base pode gerar uma polêmica, já que nesses casos e nos dois outros citados (mega e hiper), a construção formada com esses prefixos se aproxima de composição por justaposição.

A provável confusão se deve à recorrência desses termos de forma isolada criando a nominalização dos prefixos em questão; porém, em uma melhor análise observamos que na mesma oração em que se encontra o prefixo ‘pré-’ se encontra a palavra ‘pós-operatório’, e esta autoriza o uso isolado daquela, ou seja, o prefixo ‘pós-’ que está preso a uma base, autorizou o prefixo ‘pré-’ a ser utilizado (próximo) sem a obrigação de estar preso a uma base. Caso semelhante ocorreu com os prefixos ‘semi-’ (semelhante a; quase um;) e ‘ex-’ (estado anterior), que foram utilizados de forma isolada com uma autorização das palavras analfabeto e atual respectivamente. No presente trabalho manteremos a posição defendida pela maioria dos estudiosos e da gramática tradicional, de que estes elementos são prefixos.

Para facilitar o entendimento, apresentamos, na sequência, a relação dos afixos identificados no *corpus*, a indicação do seu valor semântico e o número de ocorrências. Após a tabela, ilustramos os trechos retirados do jornal. Vejamos:

Tabela (05): Tipos de prefixos presentes no *corpus*

TIPOS	VALORES SEMÂNTICOS	OCORRÊNCIAS
Anti-, Contra- e In-	Oposição, negação.	06
Auto-	Relativo a si mesmo.	02
Bio-	Aponta à vida.	01
Entre-	Posição intermediária.	01
Ex-	Estado anterior.	02
Micro- e Mini-	Pequeno, pequenas proporções.	02
Multi-	Muito ou múltiplos	02
Trans-	Movimento para além de.	01
Ultra-	Além do limite.	01
TOTAL		18

Fonte: Elaboração própria

Seguem os dados extraídos do *corpus* sob análise e o comentário:

- **Anti-, Contra-:**

Em todos os casos encontrados, os prefixos foram agregados a substantivos, acrescentando sentido de oposição.

Ex. (8): “O pacote **anticrime** foi apresentado na câmara, (...)” e “(...) no âmbito do pacote das dez medidas anticorrupção (...)” (JCP, 11/07/19, p. A4)

Ex. (9): “O magistrado disse ainda que um juiz imparcial não recebe **contraprestações** e deve saber seus limites (...)”. (JP, 09/07/19, p. A4).

Ex. (10): “A Intecom apresentou **contrarrazões** reivindicando a exclusão (...)” (JCP, 30/07/19, p. B4)

- **In-:**

Prefixo que mais se aproxima do prefixo não-. Os três casos encontrados representam o sentido de negação, típico deste prefixo.

Ex. (11): “o compromisso **inarredável** com a democracia” (JCP, 30/07/19, p. A5)

Ex. (12): “(...), a cartografia **inabandonável** de um modo de ser (...)” (JCP, 21/07/19, p. A5)

Ex. (13): “(...), jamais abriu mão de valorizar as indevassáveis dimensões da interioridade humana, a infinita ida do espírito, o **insubornável** território do ser.” (JCP, 03/07/2019, p.A6)

- **Auto-:**

De origem grega, significa relativo a si mesmo. Deve-se ter cuidado para não confundir com “auto”, abreviação de automóvel, que pode ser encontrado em outras palavras como autopeças, autoestrada.

Devido à sua popularidade entre os falantes, suas regras são bem específicas pela nova ortografia oficial, separa-se do segundo elemento por hífen nos casos em que este inicia por "o" ou "h" (auto-hipnose, auto-oxidante). Caso o segundo elemento inicie com a consoante "s" ou "r", é necessário dobrá-la, sem usar hífen (autorretrato, autosserviço). Nos demais casos, quando o segundo elemento inicia por outras consoantes ou vogais, não há hífen ou duplicação da letra (autoajuda, autocontrole).

Ex. (14) “(...), é possível aperfeiçoar a capacidade de **autognose** e de utilização plena das nossas competências.” (JCP, 21/07/19, p. A4)

Ex. (15) “(...) em grande medida em **autocontenção** e limites.” (JCP, 09/07/19, p. A4)

- **Bio-:**

É um prefixo que significa vida, assim sempre que for utilizado, criará uma palavra referente ao seu significado ou coerente com o contexto.

Ex. (16): “Os pesquisadores pretendem, agora, otimizar os compostos, de modo a assegurar a sua **biodisponibilidade** adequada no organismo.” (JCP, 13/07/19, p. A8)

- **Entre-:**

Prefixo latino que aponta para um meio termo, um posicionamento intermediário como em entrelinha.

Ex. (17): “É este **entrecruzamento** de referências que dão a pujança e atualidade da peça.” (JCP, 24/07/19, p. C5)

- **Ex-:**

Apresenta um estado anterior ao que está sendo citado, com esta capacidade se torna muito produtivo conforme a vontade do autor, já que ex- pode ser bem utilizado nos substantivos.

Ex. (18): “(...), junto com outros **ex-integrantes** da organização (...)” (JCP, 30/07/19, p. A5)

Ex. (19) “Segundo o depoimento do **ex-analista** do DOI-CODI, (...)” (JCP, 30/07/19, p. A5)

- **Micro- e Mini-:**

O primeiro é de origem grega e significa pequeno; o segundo, Mini-, tem origem latina, provém de ‘*minimum*’ e remete a pequenas proporções, algo muito pequeno. São bem produtivos à língua portuguesa. Silva (1999) assinala que, antigamente, esses prefixos eram entendidos como bases com certa autonomia, isso por causa de sua substantivação que acontecia em alguns momentos de sua utilização, como em “O ‘micro’ (microcomputador) do meu primo está quebrado”.

Ex. (20): “O levantamento foi feito a partir de **microdados** da Pesquisa Nacional (...)” (JCP, 25/07/19, p. D2)

Ex. (21): “Brasileiro levará hoje **minicérebros** ao espaço.” (JCP, 21/07/19, p. A8)

- **Multi-:**

Tem origem latina e significa muito ou múltiplo. Normalmente, é utilizado antes de um nome: multivacinação, multitarefa, multimídia, entre outros.

Ex. (22): “(...) “Será algo muito interessante, propagandeira à “**multiartista**””. (JCP, 25/07/19, p.C5)

Ex. (23): “Super-heróis na **multifeira** BMB.” (JCP, 13/07/19, p. D1)

- **Trans-:**

Outro elemento latino e tem o sentido de movimento para além de alguma coisa ou lugar. Poderia até haver um questionamento sobre a parassíntese na palavra encontrada, mas *fronteiriço* já é dicionarizada. O prefixo aponta para transpor as fronteiras com o intuito de reforçar o combate ao crime.

Ex. (24): “(...) e reforçar o combate aos crimes **transfronteiriços**.” (JCP, 09/07/19, p. A5)

- **Ultra-:**

Mais um prefixo latino, este com o sentido de ir ou estar além do limite estabelecido, transpor o que ainda não foi transposto. Ultrapassar, ultramar, ultraliberal etc. Observamos que pode vir agregado a substantivos, adjetivos e verbos sempre imprimindo um grau de exagero nos termos.

Ex. (25): “(...) exploração e produção de petróleo e gás em águas profundas e **ultraprofundas**.” (JCP, 25/07/19, p. D1)

A derivação prefixal mostrou-se muito recorrente; das dezoito (18) ocorrências encontradas no *corpus*, sendo mais frequente o uso do prefixo junto a uma base substantiva quatorze (14) palavras, seguido de quatro (04) casos em que o prefixo se juntou a adjetivos.

O prefixo de negação **in-** foi o mais usado três (03) ocorrências; depois o **contra-**, com o sentido de oposição; **auto-**, sendo referente a algo pessoal, de si mesmo; **ex-**, como estado anterior e **multi-**, como muito ou múltiplos, cada um com duas (02) ocorrências; os demais (anti-, bio-, entre-, micro-, mini-, trans, ultra-) apresentaram apenas uma (01) ocorrência. Como já esperado, é um processo muito fértil na língua portuguesa, ficando atrás apenas da derivação sufixal, sobre a que discorreremos a partir de agora.

2.3.2.2.2 Derivação sufixal

Os Afixos Sufixais são os elementos que, colocados à direita de uma base determinam a categoria¹³, com poucas exceções, e a tonicidade da palavra. Para Rocha (1998, p. 106), esse processo “é uma relação de regularidade que se estabelece entre uma base e um produto”. Regularidade que aponta para relações paradigmáticas na produção.

De acordo como Correia (2012, p. 47-48), a sufixação utiliza quatro processos à produção para manter essas relações, que podem ser: a verbalização, nominalização, adjetivação e a adverbialização. Os dois primeiros processos consistem em mecanismos de conversão: na verbalização, ocorre conversão de um nome (bala), um adjetivo (escuro) ou um verbo (saltar, cantar) em verbo, como: balear, escurecer, saltitar e cantarolar, neste último caso o sentido permanece inalterado. Quanto à nominalização, dá-se a transformação de verbo (secar), adjetivo (íntegro) ou um nome (pastel) em nome (secagem, integridade e pastelaria).

Já o terceiro processo implica em mudança de categoria, o que pode ocorrer com um nome (morfologia) ou um verbo (discutir) que passam a adjetivo (morfológico discutível). Pode haver também uma mudança semântica, o que ocorre quando se usam os sufixos *-ão* com sentido aumentativo ou pejorativo e *-inho* com função diminutiva, pejorativa ou afetiva (caso de bonitinho, de uso muito produtivo).

Por fim, a adverbialização, que na língua portuguesa acontece com a alteração de um adjetivo para um advérbio, sendo acrescentado o sufixo *-mente* (feliz, horrível para felizmente, horrivelmente).

Diferente da discussão entre os prefixos e a composição, os sufixos não podem surgir livres de uma base, assim eles não conseguem apresentar uma autonomia semântica para formar qualquer enunciado, Silva, porém, aponta o caso em que esta regra apresenta uma exceção “O único contexto em que se pode utilizar o sufixo isoladamente, é aquele em que o falante recorre ao uso estilístico, substantivando-o. Ex.: *Ele é idealista, futurista, e outros ‘istas’ mais*”. (1999, p.89), este caso citado pelo estudioso é raro e pouco usual, mas sempre carregado de uma carga semântica crítica.

Sobre a produtividade sufixal, o *-ista* apresenta-se como o mais produtivo na nossa pesquisa, sendo realmente um dos mais recorridos na Língua Portuguesa atual, tese que parece

¹³ A função principal dos sufixos é a de promover a mudança de classe, embora também acrescente valores semânticos à palavra.

ser comprovada por uma grande parcela dos estudiosos, pois Alves (2007, p. 29) e Silva (1999, p.90) apontam justamente esse sufixo e -ismo como os líderes na criação de novas palavras, corroborando assim com o nosso resultado. Segue abaixo a tabela, com a indicação dos sufixos encontrados no *corpus* da pesquisa e a quantidade de ocorrências.

Tabela (06): Tipos de sufixos presentes no *corpus*

TIPOS	OCORRÊNCIAS
-Ada (o)	02
-Ão	01
-Ar	01
-(D)ário	02
-Áveis	01
-Ação	03
-Dade	01
-Eira	01
-Ente	01
-Idade	02
-Iano	01
-Ismo	03
-Íssimo	01
-Ista	04
-Mente	03
-Mento	02
-Ona	01
Total	30

Fonte: Elaboração própria

A partir deste ponto, ilustramos, em ordem alfabética dos sufixos, os dados extraídos do *corpus*.

- -Ada (o):

Sufixo utilizado nas formações de substantivos e adjetivos, este é bem mais visto nestas formações, a partir de substantivos.

Ex. (26): “É assim que nos sentimos ao rememorar os jogos de vôlei, as reuniões no auditório, as aulas normais, a limpeza **acendrada** do colégio e tantos pequenos detalhes que (...)” (JCP, 31/07/19, p. A6)

Ex. (27): “Desde criança bebo suco da polpa e como a castanha do caju, fruta que tem **escasseado** nas feiras de nossa capital. Lembro que ao longo da estrada (...). O que aconteceu? Por que sumiram os cajueiros?”. (JCP, 25/07/19, p. A6)

Em (26) vemos a nominalização de um verbo para surtir um efeito de duração prolongada, fazendo uma crítica ao tempo exagerado na limpeza do colégio. Na (27) a função deste sufixo é apresentada como um processo em movimento, apresentando a escassez do caju nas feiras pessoenses ainda não parou.

- -Ão:

As palavras portuguesas com ‘ÃO’ no final, normalmente, adquirem um valor aumentativo, mas não é uma obrigatoriedade. Observe o uso abaixo:

Ex. (28): “Por pressão dos partidos do “**centrão**”, o relator da proposta de reforma da previdência (...) retirou estados e municípios do parecer”. (JCP, 21/07/19, p. A3).

Nesse caso, o sufixo nominal tem como função indicar origem ou proveniência. Partidos do ‘Centrão’ são aqueles que estão mais centralizados no poder, teoricamente têm uma força política maior.

- -Ar:

Sufixo verbal que é utilizado para dar características verbais aos nomes.

Ex. (29): “Só os tipos humanos amesquinados vivem sempre no **joguetear** das artimanhas, contanto que as suas ambições sejam saciadas.” (JCP, 14/07/19, p. A8)

- -(D)ÁRIO:

Indica alguma ocupação, ofício, posse ou local onde se guarda algo. Trata-se de um sufixo nominal que age na formação de substantivos a partir de substantivos.

Ex. (30): “Infelizmente, tornou-se quase **ideário** que, na realidade, concretiza-se ação demolidora da arte modernista dos nossos monumentos históricos.” (JCP, 28/07/19, A5).

Ex. (31): “Doctor Virgílio diante das manifestações do apequenamento humano em face das desbordâncias do real, por ele encarado como um fascinante e desafiador **recipiendário** de belezas”. (JCP, 03/07/19, A6).

No exemplo (30), o autor sugere que a ideia demolidora está tão forte que chega a ser um ofício; em (31), há uma indicação de lugar onde se guarda alguma coisa, um recipiente de beleza.

- -Ável (-Áveis):

Sufixo nominal utilizado para possibilitar que um verbo receba uma carga semântica adjetival. Nessa criação, teria ocorrido a alteração do verbo “monetizar”, para a forma de adjetivo, a fim de caracterizar o nome “serviços”.

Ex. (32): “Ele acatou uma emenda que diz que arrecadar, receber, manter, movimentar ou utilizar recurso, bens ou serviços **monetizáveis**, (...)” (JCP, 11/07/19, p. A4)

- -Ção:

Prefixo recorrente no processo de nominalização.

Ex. (33): “(...) a gestão da prefeita Anna Lorena espera que “a luz da lei” sem **espetacularização**, renova o respeito e reforça a colaboração com os agentes federais (...)”. (JCP, 25/07/19 p. A2)

Ex. (34): “Nesses 120 dias, vamos determinar qual marco técnico que adotaremos para permitir investimentos e a **precificação** para todos os parques. Vamos estruturar um novo modelo”. (JCP, 20/07/19, p.A8).

Ex. (35): “(...) Política Nacional de Mobilidade Urbana, indica caminhos para evitar a **infernização** das cidades causadas pela priorização do automóvel”. (JCP, 28/07/19, p.A5).

Em (33) há uma série de derivação: de substantivo para adjetivo (espetáculo/espetacular), de adjetivo para verbo (espetacular/espetacularizar), por fim a nominalização do verbo por meio do sufixo -ção. Em (34) e (35), ocorre a substantivação dos

verbos - o primeiro caso discorre sobre a possibilidade de taxar preços aos parques após investimentos, e o segundo, sobre uma situação muito difícil que pode ocorrer nas cidades; em ambas as situações, verificamos um tom pejorativo por parte do autor. Vale acrescentar que sempre que a base termina em -izar, ocorre a variação, ficando -ização como em flexibilização e globalização.

- -Dade:

Sufixo nominal que forma substantivos a partir de adjetivos como em maldade ou divindade, por exemplo,

Ex. (36): “O destinatário da decisão pode divergir, mas quem a emite tem o dever de prestar contas de como decidiu o que decidiu. Decisão sem fundamentação é nula e é uma porta aberta não de **discricionariedade**, mas sim de arbítrio judicial.” (JCP, 09/07/19, p. A4)

Em (36), a função utilizada é de aumentar, no leitor, a atenção sobre decisões infundadas do setor jurídico.

- -Eira(o):

Dentre tantas funções que esse prefixo pode apresentar (lugar onde se guarda algo, cristaleira; árvore e arbusto, macieira; objeto de uso, assadeira) no exemplo encontrado foi apresentado com a função de ocupação ou profissão, caracterizando uma pessoa nesta função.

Ex. (37): “Sua área de trabalho é a interface, além disso, também possui um trabalho musical. Ela vai declamar alguns versos, em um estilo quase rap. Será algo muito interessante, **propagandeira** a multiartista”. (JCP, 25/07/19, p.C5)

- -Ente (o):

Sufixo nominal que transformou o verbo querer em um substantivo, fortalecendo o termo posterior, com o intuito de destacar o termo ‘desejo’, manifestando uma grande vontade de que não houvesse acontecido o que aconteceu.

Ex. (38): “Márcia continua polida, mais afável do que nunca. A ilhaneza do trato, em vida, acentuou-se depois da morte. Morreu!? Sente-se um **querente** desejo de que não tenha morrido”. (JCP, 28/07/19, p. A4)

- -Idade:

Sufixo que forma substantivos abstratos a partir de outros substantivos ou adjetivos, no corpus foram transformados os adjetivos transcendental e vantajoso em substantivos para o fortalecimento semântico da argumentação dos autores, porém, no segundo caso nota-se um tom de crítica a uma modalidade de gestão.

Ex. (39): “Essa “**transcendentalidade**” que consegue unir Sul e Norte, samba e coco, alcançada por Jackson chegou a inspirar músicos (...)”.(JCP, 26/07/19, p. C5)

Ex. (40): “E as organizações sociais contratadas para administrarem as escolas, estão resolvendo os problemas? (...) uma Auditoria de conformidade para avaliar a “**vantajosidade**”, considerando custo e benefício dessa modalidade de gestão.” (JCP, 21/07/19, p. A3)

- -Iano:

Sufixo indicador de procedência, origem (boliviano, italiano), quando se trata de personalidades toma a unção de pertinente a esta pessoa, como foi o nosso caso.

Ex. (41): “(...) não é apena o show de Lenine que irá contemplar o universo **jacksoniano**.” (JCP, 25/07/19, p. C2)

- -Ismo:

Sufixo que acrescenta à base a ideia de opinião, ideologia ou origem. Ele forma substantivos a partir de outros substantivos ou adjetivos e é bastante produtivo. Em (46), vemos a substantivação do verbo “achar”, que indica uma atitude comum de quem opina sem conhecimento sobre aquele assunto.

Ex. (42): “(...) tanto o consumidor quanto fornecedor fiquem a par do que diz a lei para não existir “**achismo**” ou alguma pressão que acabe em conflito” (JCP, 21/07/19, p. D2).

Silva (1998, p.101) afirma que “Esse sufixo, unindo-se a nome de pessoa, comumente produz formações nominais usadas para indicar orientações políticas.” Fato confirmado em nossa pesquisa, nos exemplos a seguir:

Ex. (43): “Desde a posse de Bolsonaro, que contrariou uma fileira de adeptos ao **lulismo**, a grande imprensa (...)”. (JCP, 31/07/19, p. A6).

Ex. (44): “(...) que tem lido muitos livros sobre o **peronismo**.” (JP, 09/07/19, A5)

Em ambos a força ideológica das bases foi apresentada - no primeiro fragmento, há uma leve crítica ao apontar ‘uma fileira de adeptos’ em um tom de apequenamento; no segundo,

através dos livros escritos sobre a personagem, fica registrado que Peron deixou a sua marca na história.

- -Íssima:

Utilizado na formação aumentativa de adjetivos, *belíssima*, *grandíssima*. No exemplo a seguir, “Top” é um substantivo masculino de origem inglesa que quando traduzido para o português pode significar muitas coisas, acima, superior, mas basicamente “topo”. Com o uso do sufixo, o nome ganha maior relevância e chama a atenção dos telespectadores.

Ex. (45): “Amor sem Igual é o título da nova novela (...) substituta de “**topíssima**”, já em suas últimas semanas de gravações.” (JCP, 12/07/19, p. C4)

- -Ista(s):

Certamente, estamos diante do sufixo mais produtivo quanto a inovação lexical na atualidade da língua portuguesa e podem formar substantivos e adjetivos a partir de outros substantivos e adjetivos. Enriquece outros derivados como em *ambientalista*, aponta os partidários ou sectários *catolicista*, *metodista*, *ocupações* como em *cartunista* e até nomes pátrios em *Paulista* e *Sulista*.

Ex. (46): “(...) Saímos de uma administração com viés **esquerdista**¹⁴ e estamos agora numa administração com viés **direitista**”. (JCP, 31/07/19, p. A6).

Ex. (47): “O **emedebista** enfatizou que “só quem sabe se ele será candidato a qualquer coisa é o povo da Paraíba””. (JCP, 27/07/19, p. A4)

Ex. (48): “O legado da missão Apollo vai muito além das teorias **conspiracionistas**.” (JCP, 20/07/19, p. A10)

Nas ocorrências de (46) e (47) a ideia funcional permanece a mesma, os dois primeiros como a apresentação de um partidarismo muito discutido na atualidade brasileira e o terceiro como adeptos a um determinado partido político; a ocorrência em (48) aponta para o apoio de teorias contrárias a missão Apollo, caminha próximo dos primeiros exemplos e sugere a continuação de tais teorias.

¹⁴ Na tabela de quantificação dos sufixos, contamos esquerdistas e direitistas separadamente, nos exemplos, contamos como uma formação única, pois as motivações e processos foram os mesmos.

- -Mente:

Aplicado, normalmente, junto a adjetivos para a formação de advérbio (tempo - futuramente), (modo - bondosamente), (julgamento - provavelmente) e (intensidade - terrivelmente), ocorreu nos dados da pesquisa:

Ex. (49): “(...) abandonarmos os discursos e posicionamentos da discórdia e **“nordestinamente”** abraçarmos essa causa.” (JCP, 25/07/19, p. A6)

Ex. (50): “(...) o respeito à alteridade, quando ela conflita, **flagrantemente**, com o modo de pensar-sentir-agir da criadora de o médico e a noviça.” (JCP, 21/07/19, p. A5)

Ex. (51): “Quando perguntado com que espírito assumia seu posto diplomático, Juracy Magalhães, então embaixador designado do Brasil em Washington DC, em 1964, comentou **extemporaneamente**, (...)”. (JCP, 26/07/19, p. A6)

Em (49) temos um modo para diminuir discursos e discórdias que não levam a nada, a forma nordestina de resolver os problemas, ou seja, com carisma e acolhimento. Modaelo Interessante é o exemplo (50) onde existe uma ação que foi denunciada pelo autor, como algo que não pôde ser escondida, foi flagrantemente vista. Já em (51), o tempo da fala do embaixador é denunciado através do sufixo, trazendo uma carga crítica à fala naquele momento.

- -Mento:

Este sufixo deriva do latim -Mentu, é um formador de deverbais. Tem o sentido de uma ação ou resultado (açoitamento) ou ainda um entendimento de noção coletiva (faturamento), é produtivo na atualidade e, no nosso *corpus*, encontramos três situações.

Ex. (52): “Até porque ninguém duvida, todo mundo tem certeza, que havia **justicamento**”. (JCP, 30/07/19, p. A5)

Ex. (53): “Esse êxtase bonito e interior que vivemos buscando nas coisas de fora, dando como resultado o **recrudescimento** do egoísmo, da ganância e das injustiças.” (JCP, 09/07/19, p. A6)

Na pesquisa ocorreu um fato atípico deste afixo, pois o mesmo trabalha, normalmente, com bases verbais que formam substantivos e com uma clara função do resultado de uma ação, como o caso de (52), mas vemos em (53) um substantivo usado para criar outro, tendo em vista uma noção coletiva sobre o assunto.

- -Ona:

Trata-se de um sufixo nominal, de origem latina, com um sentido claro de aumentativo (grandona, mangona, camisona). Encontramos também na criação de substantivos femininos que correspondem aos masculinos que terminam em –ão (quarentão, quarentona, paizão, maezona). O caso encontrado no *corpus* retrata justamente sobre o aumentativo de uma série futebolística brasileira que é desprezada pelas séries acima dela, retratando uma série futebolística brasileira e as dificuldades de um time nas diferentes fases.

Ex. (54): “(...) uma verdadeira decisão (...) ‘É uma situação difícil, muito incômoda para a gente’ (...) Ele revelou que está numa má fase (...) visto que não vence há cinco jogos na **terceirona**.” (JCP, 25/07/19, p. D3)

O uso do sufixo parece dar mais destaque à terceira. O sentido de esclarecimento de que nesta fase os times que participam enfrentam as mesmas dificuldades que em outras fases.

Outra ramificação da derivação é a **Parassintética**, processo no qual os afixos (um prefixo e um sufixo) se unem, simultaneamente, à base para a formação de uma nova palavra. A prova de que realmente ocorre parassíntese, e não outro processo, se dá na eliminação de um dos dois afixos: se a palavra resultante da subtração de um dos elementos existir no vocabulário da língua em questão, então diz-se que não ocorreu a parassíntese, se ela não existir, ocorreu. Tomemos como exemplo a palavra *alma*, acrescentando-lhe o prefixo *des-* fica a palavra *desalma* (não dicionarizada), inexistente para nós, se adicionado o sufixo *-ado*, fica *almado* que, também, desconhecemos, na união dos afixos, teremos *desalmado* que é um parassintético.

O exemplo citado de um substantivo não é regra porque “O processo de formação parassintética produz, normalmente, verbos. O mais comum é que se formem verbos que indiquem mudança de estado, como amanhecer, amadurecer etc.” (SILVA, 1999, p.109), esta composição é uma atividade complexa já que deve juntar a uma só base o dinamismo semântico que é típico dos prefixos e a função sintática e/ou semântica e ainda algumas vezes, a função discursiva características dos sufixos, como também se observa que este processo “contraria o princípio da ramificação binária que rege a derivação afixal e, segundo o qual, em cada processo derivacional apenas intervêm uma base e um afixo.” (CORREIA, 2012, p.50). Por estes motivos a parassíntese se difere dos outros casos de afixação. Na tabela abaixo estão expostos as criações parassintéticas.

Ex. (55): “(...) o inesquecível desconforto moral de Doctor Virgílio diante das manifestações do **Apequenamento** humano em face das **desbordâncias** do real, por ele encarado como um fascinante e desafiador recipiendário de belezas.” (JCP, 03/07/19, p.A6).

Ex. (56): “(...) assumido da rebeldia e da **indomabilidade** mais ostensivas.” (JCP, 21/07/19, p. A5)

Em (55), temos duas ocorrências: no primeiro caso, estão em conjunto o prefixo **a-** e o sufixo **-mento**, acrescidos a uma base adjetiva – “pequeno”. O prefixo enfatiza a mudança de ação (tornar pequeno); e o sufixo remete a um novo comportamento. Ainda no mesmo fragmento junta-se o prefixo **des**, que expressa negação e o sufixo **ia**, formador de substantivo; O mesmo se dá em (56), mudando apenas os tipos de afixo (prefixo **in** e sufixo **dade**, acrescentados ao adjetivo indomável).

Foi confirmado o que fora dito, anteriormente, sobre os processos internos, são muito produtivos, tivemos essa confirmação após a análise dos dados coletados, os números acompanharam os estudos anteriores e o atual. Uma das prováveis explicações para este fenômeno é a flexibilidade dos afixos na derivação, os autores podem manejá-los conforme o seu interesse e capacidade, assim o Brasil pode se tornar brasileiro e a língua portuguesa continuar se aportuguesando e ficando cada vez mais rica e diversa.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Salientamos que, no presente trabalho, não tratamos de abranger os processos formacionais que mais circulam na sociedade, ficaria ilógico, neste tipo de trabalho, para discorrer sobre as gírias, siglas, abreviações e tantos outros processos que são de suma importância à língua portuguesa. Ficamos concentrados no externo (Ex nihilo, onomatopeia e empréstimo) e internos (Composição e derivação). A complexidade formacional de uma nova palavra intriga, surpreende e desafia a todos os que embarcam nesta aventura infinita, em contrapartida, a capacidade, criatividade e inteligência do ser humano estão sempre a disposição para romper barreiras, saltar obstáculos, criar e recriar utilizando todos os meios que tem e divulgando nas diversas esferas sociais.

Através desta pesquisa, que considerou o *corpus* de extração (periódico paraibano) e de exclusão (o dicionário), identificamos palavras que despertaram o ‘sentimento do novo’ e palavras realmente novas. Ao abordar os processos internos e externos à língua, tivemos a confirmação do que apontaram autores que já se debruçaram em discorrer sobre esta temática: que a derivação sufixal é o processo mais produtivo na atualidade da língua portuguesa no Brasil.

Estamos cientes de que as reflexões aqui presentes logicamente não vão dar conta de mostrar a riqueza de neologismos da língua portuguesa, mas pudemos mostrar, através das 59 ocorrências de palavras novas, em um pequeno espaço pesquisado (já que não foi observado o jornal na íntegra), que os meios de comunicação tornam-se verdadeiros espelhos criacionais de uma sociedade, sendo um campo fecundo à inovação e de fácil acesso aos múltiplos leitores. As diversas leituras e releituras que fizemos dos textos jornalísticos, as observações apontadas, o intenso esforço em pesquisar as variadas fontes e a dedicação em trazer um trabalho verídico e embasado, nos levaram a compreender que a imprensa escrita registra, não apenas, as mudanças que ocorrem no léxico, mas uma constante caminhada diacrônica rumo a um futuro de fortalecimento da língua de um povo.

Percebemos a importância do jornal como meio de comunicação que permite a consolidação de novas palavras. O jornal traz uma variedade temática explorada pelos autores, o que realça a variedade sociocultural, contribuindo para uma lexicalização atualizada, mesmo que ‘a priori’ sirva inicialmente para a circulação de novas palavras e não para uma completa dicionarização, fato que só ocorre após a disseminação e aceitação total dos falantes. Do mesmo

modo, é importante o dicionário como ferramenta de confirmação do que vem a ser ou não um neologismo.

Sobre o *corpus* de exclusão, concordamos com as palavras de Silva (1998, p.181) de que “O Aurélio, como qualquer outro dicionário, não poderia registrar todas as palavras da língua.” Nenhum dicionário por mais numeroso ou completo que seja conseguiria realizar essa missão, torna-se praticamente impossível registrar todos os neologismos, afinal, novas palavras nascem todos os dias e em praticamente todos os instantes, também não faria sentido tentar tal façanha, pois nem todas as palavras serão efetivamente aceitas pelo público falante.

O léxico de uma língua não é fechado, palavras novas são diariamente criadas, registradas e divulgadas por meios diversos e essa velocidade não é acompanhada por nenhum dicionário, pois as complexas construções envolvidas nessas criações obrigariam aos lexicógrafos horas, dias e até meses de pesquisa para se chegar a uma efetiva dicionarização.

Constatamos que o processo externo é bem menos produtivo que o interno, mas as formações das onomatopeias, mesmo em menor número, são de fundamental importância nos gêneros textuais como charge, tirinha, quadrinho, entre outros que também utilizam muito bem essa ferramenta. Já os empréstimos nos dias atuais, dias de intensa globalização com o avanço tecnológico, são bem vindos a qualquer nação que almeja uma socialização a nível mundial; por fim um crescimento aberto e em diálogo com as muitas línguas que fazem parte do nosso viver.

Uma das maiores riquezas da linguagem humana está na capacidade de possuir ferramentas capazes de colaborar na gestação de novas palavras, segundo Correia (2012, p.35) “tal como qualquer outra língua, também o português possui a capacidade e os meios para a construção de palavras.” De acordo com esta assertiva, mesmo que não houvesse nenhum processo externo à língua para a criação neológica, ela (a língua) por si só já poderia criar novas palavras.

Não há processo maior ou menor que outro, existem os mais usuais e produtivos, mas em um grau de importância todos são cruciais e nenhum deve ser descartado, o fato da derivação ter o maior número de casos em nossa pesquisa não a eleva sobre os demais processos, pois haverá casos em que os autores buscarão prefixos ou sufixos para completar uma ideia, um pensamento e não conseguirão encontrá-los, todos são importantes.

Observamos que se criam novas palavras para atender a uma necessidade momentânea (imunocromatográficos, boadrasta), um posicionamento ideológico (lulismo, emedebista), trazer uma inovação morfossemântica (escasseado, joguetear), apresentar uma crítica ou elogio

(conspiracionistas, propagandeira) e muitos outros motivos. O que não se deve desprezar em qualquer formação é o contexto, seja em uma brincadeira de criança ou nos debates filosóficos de maior complexidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. Neologismo: Criação lexical / Ieda Maria Alves. – 3ª. ed. – São Paulo: Ática, 2007. p. 93.**
- AMORA, Antônio Soares. Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa / Antônio Soares Amora. – 18ª Ed. – São Paulo: Saraiva, 2008.**
- CARVALHO, Nelly. A Palavra é/ Nelly Carvalho. – Recife: Ed. LIBER, 1999. P. 92.**
- CASTILHO, Ataliba T. de. Nova Gramática do Português Brasileiro / Ataliba T. de Castilho. – 1. Ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2014.**
- CORREIA, Margarita. Neologia em Português/ Margarita Correia. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.**
- DICIONÁRIO ESCOLAR: Língua Portuguesa. – 1. ed. 6ª impressão em 2018. – Barueri, SP: Ciranda Cultural, 2015.**
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Ilustrado/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. – (Ed. Esp.). – Curitiba: Positivo, 2012. 440p.**
<https://www.dicio.com.br/> (Acesso em 22 de novembro de 2019 17:25h.)
www.novaescola.org.br (Acesso em 004 de janeiro de 2020 14:10 h.)
- PERINI, Mário A. Gramática do português Brasileiro / Mário A. Perini. – São Paulo: Parábola Editorial, 2010.**
- ROCHA, Antônio Olinto Marques da. Minidicionário Antônio Olinto da Língua Portuguesa/ Antônio Olinto Marques da Rocha. – 3. ed.- São Paulo: Moderna, 2005.**
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. Estruturas Morfológicas do Português/ Luiz Carlos de Assis Rocha. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 248. – (Coleção Aprender)**
- SANDMANN, Antônio José. Morfologia Lexical/ Antônio José Sandmann. São Paulo: Contexto, 1992. – (Coleção Repensando a Língua Portuguesa)**
- SILVA, Camilo Rosa. Inovação lexical no Texto Jornalístico: Produtividade neológica nos jornais *Diário de Natal e Tribuna do Norte*. Camilo Rosa Silva. João Pessoa: Ed. UFPB, 1999. p.203**
- SILVA, Camilo Rosa, MATOS, Denilson P. de. Usos Linguísticos: formas e funções. Camilo Rosa Silva e Denilson P. de matos. (organizadores). – Curitiba: CRV, 2016. 222p.**